

EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS: UM OLHAR À SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR¹

Adriana Anilta Paulo²

Gisely Pereira Botega³

RESUMO: A universidade como campo de desenvolvimento profissional e pessoal, ocupa espaço importante nas relações dos(as) estudantes enquanto lugar de vivências e experimentações. Sendo essa trajetória acadêmica, por vezes, marcada por dificuldades e desafios que desencadeiam em adoecimento psíquico na vida do(a) estudante, esta pesquisa objetivou compreender os sentidos atribuídos por estudantes universitários à saúde mental no decorrer da vida acadêmica de uma universidade da Grande Florianópolis. Como estratégia metodológica foi realizada 4 entrevistas semiestruturadas com estudantes universitários(as). Os dados coletados foram analisados a partir da metodologia de análise das práticas discursivas e produção de sentidos de Mary Jane Spink (2013). Os resultados e discussão foram organizados em quatro eixos de análise: 1) sentidos que os(as) estudantes universitários(as) atribuem à saúde mental; 2) aspectos que produzem sofrimento psíquico no contexto da universidade na visão dos(as) estudantes; 3) o cuidado em saúde mental frente os desafios e dificuldades que os estudantes vivenciam em sua trajetória acadêmica; 4) ações de atenção psicossocial produzidas pela universidade voltadas às questões de saúde mental dos(as) estudantes. Com base nos dados coletados, foi possível identificar que todos(as) entrevistados(as) consideram que o ambiente acadêmico é gerador de adoecimento psíquico. Esses destacam como principal desafio no processo de permanência na universidade suas realidades socioeconômicas. Relatam ainda as situações de saber-poder nas relações entre professor(a)-estudante, as relações com os pares, e as demandas de estudos como fatores que afetam a saúde mental do(a) estudante. Ao que se refere às ações de Atenção Psicossocial desenvolvidas pela universidade, foi identificado ausência de articulação e divulgação dos serviços. Assim, diante dos resultados obtidos a presente pesquisa busca discutir a relevância em dar visibilidade aos processos e desafios encontrados pelos estudantes durante a jornada acadêmica, bem como sofrimentos decorrentes desse processo estudantil.

Palavras-chave: Saúde Mental; Estudante do Ensino Superior; Sofrimento Psíquico.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. 2019.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. E-mail: dricaapaulo@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Instituição Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora Titular da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

1. INTRODUÇÃO

Os(as) estudantes, no período escolar, ao final do Ensino Médio, estão diante de vários dilemas e desafios, entre eles, a opção por um curso que pode determinar a escolha profissional. Esse processo de escolha ocorre em um período de transição e descobertas, em que a construção de novos projetos e as demandas sociais constituem possibilidades de cada estudante se desenvolver no mundo. Há mudanças tanto biológicas, quanto psíquicas e sociais, com alterações hormonais que são percebidas no corpo. Aumento das exigências sociais e construção de novos vínculos afetivos. Nesse período, as pressões sociais, familiares, escolares, bem como, as angústias e o desafio da escolha profissional, tornam-se fatores de adoecimento psíquico, presente na vida de muitos(as) estudantes (BENETTI, et. al. 2010). Essa situação, que envolve diversas nuances, ressalta a relevância de conhecer as experiências acadêmicas, lançando um olhar à saúde mental de estudantes no Ensino Superior, como também os processos que constituem e envolvem a saúde mental no decorrer da graduação.

A universidade como campo de desenvolvimento profissional e pessoal, ocupa espaço importante nas relações dos(as) estudantes, enquanto lugar de vivências e experimentações. E, se tratando de classes populares, por vezes, as dificuldades se intensificam, pois além de garantir a tão sonhada vaga no Ensino Superior, é preciso buscar formas de permanência na universidade, ou seja, recursos necessários para subsistência para si e, às vezes para própria família. Essas preocupações e responsabilidades rondam a vida de inúmeros estudantes em nosso país. Algumas das saídas que os(as) estudantes encontram é através das Políticas de Ações Afirmativas, bolsas de estudos como as do artigo 170 (SC), financiamento estudantil, estágios e trabalhos remunerados, o que produz sobrecarga e dupla jornada e, até mesmo, tripla jornada para aqueles que possuem filhos(as) especialmente.

Além dos desafios e obstáculos enfrentados por alguns(mas) estudantes do Ensino Superior, vale ressaltar o novo cenário que emerge na conjuntura em relação ao “futuro da educação” do nosso país. No último ano, foi possível acompanhar mobilizações em defesa ao direito da educação. Entre elas, pode-se citar: a mobilização que aconteceu no dia 15 de maio de 2019⁴. “Mobilização por educação: #15M Dia Nacional de Greve na Educação”, em defesa a educação, mais a mobilização nacional dos estudantes no país para a garantia de educação e

⁴ O contingenciamento na educação Brasileira em 2019, efetivados pelo Presidente da República e o Ministro da Educação. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/589221-15m-a-insurreicao-estudantil-e-o-pais-sem-respostas-as-questoes-contemporaneas-algumas-analises. Instituto Humanista Unisinos. Acesso em: 11 jun. 2019.

o contingenciamento pelo ministério da educação, que aconteceu em 7 de setembro de 2019⁵. Essas manifestações representam uma luta social, diante do descaso e do desinvestimento da educação, levando consequências na vida dos(as) estudantes em formação. A educação por direito, sofre os efeitos causados pela atual gestão pública do país que anunciou o processo de contingenciamento dos recursos públicos destinados à educação.

Diante deste cenário sócio-político, fazendo parte desta categoria estudantil, a trajetória acadêmica e o decorrer da graduação da pesquisadora também se constituiu como um caminho árduo. Nesse percurso, encontrou com pessoas de olhares compreensivos, acolhedores e encorajadores. Mas, ao mesmo tempo, surgiram desencontros, através de obstáculos que, por vezes, fizera-a questionar suas habilidades sociais para permanecer na universidade. Desta forma, em alguns momentos a pesquisadora não se sentiu pertencente a esse “mundo acadêmico”. Sentimento que vai de encontro ao poema “Tabacaria” de Fernando Pessoa (2001, p. 108) que diz “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. Sonhos por vezes inviabilizados ao decorrer da formação acadêmica, que apresenta desafios desde seu ingresso e a permanência na universidade. As demandas e conflitos do processo de formação da pesquisadora, presentes também na trajetória de muitos(as) estudantes, se (re)faz nas experiências vivenciadas pelo próprio efeito da metáfora da borboleta. A Borboleta é o símbolo da transformação, metamorfose, passando pelo seu processo de reorganização de nascimento, saindo do seu casulo de transmutação de lagarta, para um inseto que se liberta, e se transforma em uma linda borboleta ou mariposa.

A analogia da metáfora da borboleta, possibilita pensar o processo de transformação da metamorfose no contexto acadêmico. Transformações vivenciadas pelos(as) estudantes durante trajetória acadêmica em diversos momentos. Um processo de reorganização e mudanças perante os obstáculos, levando-os a questionar o seu projeto de cursar o Ensino Superior.

Atualmente, é possível vivenciar uma realidade onde a escolha de um Curso Superior para estudante se dá a partir de um contexto social, econômico e político. Vale ressaltar que o comprometimento da escolha e a responsabilidade que é exigido pelo(a) estudante não é tarefa fácil. Por sua vez, tantas pressões suscitam medos e angústias de fazer uma escolha errada, comprometendo os projetos de vida do(a) estudante e de sua família (PADOVINI et al., 2014).

O(a) estudante ao ingressar em um Curso Superior em instituições privadas e/ou públicas, enfrenta novos desafios. Tais como: os relacionados a aprendizagem, aqueles

⁵ Para maiores informações à imobilização em defesa da educação em 2019 acesse <https://une.org.br/2019/05/dce-o-que-e-um-diretorio-central-dos-estudantes/>.

vinculados aos processos de socialização, as dificuldades econômicas e de moradia, sofrimentos por distanciamento de familiares, insatisfação da escolha do curso, seguida da pressão da família, a qual pode projetar suas expectativas nos(as) estudantes acadêmicos(as). Esses desafios podem levar os(as) estudantes a experimentar o medo do desconhecido diante a um futuro e um presente incerto. Contribuindo para que o(a) estudante, neste novo contexto, esteja vulnerável à ocorrência de fatores estressantes potencializados pelo medo, angústias, frustrações, inseguranças, desgastes físicos e emocionais, modificando seu relacionamento social (PADOVINI et al., 2014).

O contexto universitário, por ter uma maior exigência de demandas de estudos e atividades práticas, pode ser um espaço que venha desencadear um desequilíbrio na saúde física, mental e psíquica do(a) estudante, podendo ser desencadeador de sofrimento psíquico. Em alguns casos, pode levar ao adoecimento da saúde mental, possibilitando o surgimento de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade (PADOVINI et al., 2014). Vale destacar que os processos que produzem adoecimento podem estar relacionados também aos aspectos sociais e pedagógicos que emergem da convivência entre estudantes e professores(as). Os(as) próprios(as) estudantes dizem ter dificuldades em se sentirem aceitos, respeitados, valorizados e até pertencentes a este espaço que historicamente foi voltado a determinadas classes sociais e grupos étnico-raciais. Historicamente, no Brasil a universidade era uma instituição para classes mais abastadas e predominante para população branca⁶.

Assim, com essas reflexões tecidas até aqui, pergunta-se: Como está a saúde mental dos estudantes no Ensino Superior? O que estes estudantes compreendem por saúde mental? Em que medida a universidade oferece apoio psicossocial aos estudantes de graduação? Quais são os principais aspectos que promovem adoecimento no estudante durante o tempo da graduação? Consequentemente, surgiu o interesse de pesquisar o tema, que levou a pesquisadora a refletir sobre as questões da saúde mental dos estudantes vinculados aos Cursos de Ensino Superior de uma universidade da região da Grande Florianópolis/SC. Neste contexto, lança-se como pergunta de pesquisa: **Quais sentidos são atribuídos por estudantes de uma universidade da região da Grande Florianópolis à saúde mental no decorrer da vida acadêmica?**

A partir desse questionamento, foi estabelecido como objetivo geral “compreender os sentidos atribuídos por estudantes universitários à saúde mental no decorrer da vida

⁶ Link de acesso:

http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=711. Acesso em 14 de jun. de 2019.

acadêmica”. E tendo como objetivos específicos: a) conhecer as diferentes percepções sobre saúde mental de estudantes universitários(as); b) identificar quais aspectos produzem sofrimento psíquico no contexto da universidade na visão dos(as) estudantes entrevistados(as); c) mapear ações de atenção psicossocial produzidas pela universidade voltadas às questões de saúde mental dos(as) estudantes.

Para isso, buscou-se referências bibliográficas que discutem os aspectos sobre a saúde mental dos(as) estudantes, e elementos acerca do sofrimento psíquico decorrente ao processo da graduação. Para esse fim, foi realizado buscas nas bases de dados SCIELO, PEPSIC e REUNI⁷, sendo encontrados 50 artigos, onde 7 artigos⁸ foram selecionados por possuir relação com a pesquisa. Entre os estudos encontrados Arouca; Pereira (2017) e Silveira et al., (2011), destacam a importância de debates e divulgação da saúde mental dentro das universidades, como forma de prevenção e alerta sobre adoecimento físico e mental no âmbito acadêmico. Para os(as) autores(as) as pressões familiares e sociais durante o processo de escolha podem ser geradores de sofrimento, pois, a escolha de cursos superiores, técnicos e mercado de trabalho se constitui em um período de transição e mudanças da na vida do(as) estudantes, que deixam para trás a adolescência e para enfrentar os desafios da vida adulta.

Os(as) autores(as) ainda destacam que os(as) estudantes ao se inserirem no meio acadêmico, adentram com muitas expectativas, e ao decorrer do curso, descobre que é uma jornada árdua, se deparando com frustrações e decepções. Nepomuceno e Witter (2010) discorrem também que para os(as) estudantes, escolher um curso profissional ou técnico não é uma escolha fácil. Efeitos de adoecimento, são gerados durante o processo de escolha, como intensa pressão familiar, pressão social, da cultura e fatores políticos.

Cruz; Pereira (2013), destacam outros fatores que contribuem para o aumento do adoecimento da saúde física e mental dos(as) estudantes, tais como: a falta de diálogo entre docente e discente; problemas no próprio sistema da instituição; sobrecarga de estudos, tanto da parte de docente e discente; a violência simbólica, que configuram as relações de poder dentro do sistema universitário, entre outros.

⁷ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) é um programa instituído pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto 6096, de 24 de abril de 2007.

⁸ Foram realizadas pesquisas nas bases de dados no período de março e abril de 2019 utilizando como filtro as seguintes palavras-chave combinada. Na base de dados SCIELO foi utilizado: Atenção psicossocial e universidade; saúde mental. Na base de dados PEPSIC, com os descritores: Estratégias de enfrentamento; benefícios da psicoterapia para estudantes universitários; psicólogo no contexto universitário à estudantes universitários. Foram também utilizados dados de informações encontradas na Biblioteca Virtual como: REUNI, usando descritores como: Sofrimento psíquico e apoio psicossocial em Cursos Superiores.

Ao que se refere a situações de vulnerabilidade, Padovini et al. (2014) ressaltam os sentimentos de inferioridade diante ao sistema acadêmico, seja por vergonha, timidez ou comparação com outro, leva a desmotivação e a desgastes físicos e mental. Diante destes fatores, vale destacar o relatório de 2010 (FONAPRACE, 2011), referente a saúde mental, apresentando o percentual de estudantes universitários com “dificuldades emocionais que afetam o desempenho acadêmico” (p. 42). A informação divulgada traz que, 47,7% dos estudantes, queixaram-se de “sofrimento psíquico, 29% já procurou atendimento psicológico, 9% já procurou atendimento psiquiátrico, 11% já tomou ou está tomando medicação psiquiátrica e 10% procurou atendimento psicopedagógico” (p. 42).

Tais dados apresentados acima, vai de encontro com o artigo de Ribeiro e Guzzo (2019) que além de discutir cotas no sistema educacional, tem como relevância discutir a presença de um profissional de Psicologia como apoio para prevenir situação de sofrimento psíquico durante o processo do curso de graduação. A universidade por ser um ambiente que circulam diferenciações de classes sociais, é espaço em que há preconceitos, tornando-se imprescindível a relevância do profissional de Psicologia para prevenir situações de sofrimento psíquico no meio universitário.

Assim, o levantamento bibliográfico realizado vem ao encontro da relevância social, mostrar o quanto pode resultar em sofrimento psíquico, principalmente o que refere-se a busca do curso tão desejado pelos(as) estudantes que estão em busca de uma profissão ao mercado do trabalho, bem como pelo projeto de formação científica, acadêmica e humana. Com isso, essa pesquisa busca trazer subsídios para que a sociedade e as instituições de Ensino Superior, diante aos sofrimentos psíquicos dos(as) estudantes, tenham compreensão, cuidados e projetos que acolham essas demandas na universidade.

2. TECENDO O CAMINHO DO MÉTODO

No caminho percorrido, optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, no qual, a pesquisadora foi a campo com a finalidade de compreender o objeto de estudo realizando o aprofundamento com os(as) pesquisados(as) das realidades vivenciadas. De acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Portanto, busca-se trabalhar com a complexidade de uma situação, por meio das crenças, valores, sentidos e significado dos(as) participantes.

Quanto ao objetivo, esta pesquisa se classifica como exploratória e descritiva. Na pesquisa exploratória, a pesquisadora possui o objetivo a formulação de questões ou problemas, com intuito de desenvolver hipóteses, esclarecer conceitos e familiarizar-se com o fenômeno (GIL, 2002). Ao que se refere a pesquisa descritiva, a presente pesquisa visa identificar e descrever as experiências acadêmicas à saúde mental dos(as) estudantes do Ensino Superior. Na fala de Gil (2002 p. 42), "as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis".

Participaram da pesquisa quatro (4) estudantes universitários, sendo duas estudantes do curso de graduação de Psicologia, um estudante e uma estudante do curso de graduação de Medicina, regularmente matriculados na universidade. Após a aprovação no Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), e de acordo com trâmite do processo, foi realizado o contato com os participantes. A busca dos participantes aconteceu através da própria rede de contato pessoal da pesquisadora, que compartilhou a pesquisa com sua rede de contatos. Desta forma, os(as) participantes foram indicados(as) pelas pessoas que tiveram acesso sobre a realização da pesquisa. Após, foi contactado os(as) indicados(as) através de contato telefônico e aplicativo de mensagens instantâneas, verificando o interesse em participar da pesquisa. Com esclarecimento da pesquisa foi realizado o agendamento para a entrevista conforme disponibilidade dos(as) participantes.

As entrevistas foram realizadas em um local livre de ruídos, em uma sala disponibilizada na própria universidade. Após a formalização mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE⁹. A duração das entrevistas foi em média de 50 a 60 minutos, em que a pesquisadora utilizou de um roteiro prévio de perguntas sobre o tema, com itens sobre: saúde mental, sofrimento psíquico no Ensino Superior e Atenção Psicossocial. Através de perguntas pré-estabelecidas e com respostas abertas. Porém, no decorrer foi permitido que os(as) entrevistados falassem livremente sobre os assuntos que surgiram como desenvolvimento do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Após coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e analisados por meio da Análise de práticas discursivas e de produção de sentidos. Para Spink (2013, p. 22), o sentido é uma construção social, sendo esse “um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente

⁹ Ressalta que a coleta de dados ocorreu conforme os procedimentos éticos necessários para a realização de pesquisas com seres humanos, declarado pela resolução nº 466/12[#] e 510/16[#] do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta”. Assim, buscou-se através da metodologia proposta por Spink (2013), compreender a forma como os(as) entrevistados(as) se apropriaram dos discursos e produziram significações e sentidos às suas vivências e situações experienciadas, a respeito da saúde mental em sua trajetória acadêmica. Uma vez que, é por meio da linguagem - que pode apresentar contradições e diferentes interpretações sobre o fenômeno - que os sujeitos se posicionam e ressignificam as relações e experiências cotidianas (SPINK, 2013).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão serão aqui apresentados, através de 4 eixos. Sendo o primeiro eixo “Estudantes no Ensino Superior: percepções sobre a saúde mental”, em que será discutido sentidos que os(as) estudantes atribuem a concepção de saúde mental e sua relação com o contexto universitário. No segundo eixo, nomeado de “Adoecimento psíquico do(a) estudante universitário(a): fatores e desafios” será apresentado os aspectos que produzem sofrimento psíquico no(a) estudante no decorrer da trajetória acadêmica. Posteriormente, no terceiro eixo “Os desafios do cuidado da saúde mental: a realidade socioeconômica no processo de formação” será abordado as dificuldades de permanência do estudante e o acesso aos serviços de Atenção Psicossocial, devido sua realidade socioeconômica. Por último, o quarto eixo “A universidade enquanto rede de cuidado: ações de Atenção Psicossocial aos(as) estudantes” discutirá as ações de acolhimento realizadas na e pela universidade.

Destaca-se que para preservar o sigilo das informações foi disponibilizado a escolha de pseudônimos aos(às) participantes, sendo mantido o nome verdadeiro daqueles que assim escolheram. No quadro abaixo segue informações que caracterizam os(as) participantes da pesquisa:

1 Quadro de Participantes da Pesquisa

Nome	Identidade de Gênero	Idade	Raça/Cor	Cidade de origem	Curso	Fase	Bolsista	Em acompanhamento psicológico
Alice	Feminino	39	Pardo	Sorocaba/SP	Psicologia	8 ^a	Sim. CEBAS	Já fez
Jerusa	Feminino	38	Branca	Balneário Camboriú/SC	Psicologia	6 ^a	Sim. PROUNI	Já Fez
Anna	Feminino	22	Branca	Pato Branco/PR	Medicina	7 ^a	Sim. PRAVALER	Faz Emergencial
Wagner	Masculino	35	Pardo	Petrolândia/PE	Medicina	7 ^a	Não.	Em Atendimento

Fonte: Elaboração da autora (2019)

Conforme informações apresentadas no quadro, três participantes possuem bolsa de estudos, sendo elas, respectivamente, bolsa de estudo CEBAS (Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social), Financiamentos Estudantil PRAVALER e Programa Universidade para Todos - PROUNI. Apenas um participante realiza o pagamento integral da mensalidade. Todos(as) os(as) entrevistados são estudantes de uma Universidade privada do Sul de Santa Catarina, e encontram-se cursando graduação em áreas de conhecimento da ciência da saúde, fator que sucedeu a constituição de um perfil dos(as) participantes de modo indireto, uma vez que, a pesquisa não possuía esse objetivo.

3.1 ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL

O percurso da trajetória de cada estudante no seu processo de formação ocorre de modo singular, em que as vivências no ambiente acadêmico ressoam e reverberam para as outras esferas da vida. Entre os movimentos que compõe a vida, o contexto da universidade torna-se um lugar de conhecimento e troca de experiências em que cada pessoa vai estabelecer diferentes relações e interações sociais. Desse modo, vários aspectos podem vir a impactar no modo como ocorre o desenvolvimento educacional e as relações presentes nesse espaço.

Nesse processo, uma série de fatores - tais como, conflitos, preocupações e negação - desencadeiam sentimentos e emoções, como: medo, ressentimento, isolamento, raiva, mágoa,

culpa e tristeza (XAVIER et al., 2008; BOCK et al., 2001). Essas, são descritas por Dalgalarondo (2000) como possíveis intensificadores do sofrimento, possibilitando criar aberturas de brechas nos processos subjetivos, onde a universidade por ser um lugar de construção social, pode ser também potencializadora para sofrimento psíquico.

Considerando o que diz Caponni (2012, p. 119), o “modo como cada um de nós lida com seus sofrimentos psíquicos, mais ou menos leves, pode ser determinante na escolha do modo como construímos nossa subjetividade, do modo como respondemos a nossos desafios e problemas”. Consequentemente, pensar a saúde mental do(a) estudante universitário(a) é olhar para o processo de constituição social de cada sujeito, compreendendo que a qualidade de vida e a promoção de saúde integral ao sujeito, perpassa o contexto universitário.

Com isso, foi possível identificar nas entrevistas realizadas, que ao se tratar de estudantes de cursos de graduação de Medicina e Psicologia, em que o cuidado com o outro perpassa seus aprendizados e suas práticas, a contextualização e compreensão dos(as) atores(as) e cenários presentes nesse território complexifica as relações produzidas e naturalizadas (ASSIS; OLIVEIRA, 2010). Em que, os cuidados psicossociais com o(a) estudante profissional são dispensados. Nesse sentido, Wagner relata:

“Nosso curso ou às vezes até a nossa profissão que vai ser futuramente, é uma situação do qual a gente fala muito com os outros, pede pros outros, sabe aconselhar os outros, e às vezes a gente não percebe, e às vezes acaba sendo a própria vítima [...] às vezes não se cuida da mesma forma [...] Mas assim, mais eu acho que o nosso desgaste às vezes é muito maior”.

Esse (não) olhar sobre a sua própria saúde mental advém das experiências universitárias em que o(a) estudante se apropria que as demandas e dificuldades que constituem a vida acadêmica, em que seu papel social enquanto estudante profissional é assimilado pelo “entendimento de que tem um papel junto à sociedade, ajudando a construí-la ou reformá-la, propondo ideias e efetivando ações, mas essa mesma juventude pode passar por dificuldades que comprometem seu projeto enquanto estudante e de cidadão” (2010, p. 173). Essa mesma compreensão é relatada por Anna:

“Nós temos muito problema com isso, é muito engraçado. Ao longo do curso até hoje, eu já tive vários momentos de esgotamento e parece que a grande realidade que vejo hoje do curso, é que a gente cuida muito do outro, mas nunca cuida de si mesmo”.

O cuidado da saúde mental no contexto universitário reflete os sentidos a ele atribuídos socialmente, como pode-se perceber na fala de Anna: “Eu acho que a saúde mental é muito importante, ela não é levada em consideração, tem muito preconceito com isso, acho que por isso as pessoas demoram a procurar um atendimento, demoram a mesmo se aceitar, a própria sociedade acaba ajudando”. Para Assis e Oliveira (2010) a promoção de cuidado a saúde

mental nas universidades precisa ser colocada em pauta com ações que afetem os sujeitos, compreendendo a importância dos espaços de diálogo, de desconstrução de mitos e de construção de possibilidades, uma vez que, há diferentes formas de experimentação do sofrimento psíquico entre os(as) estudantes universitários(as).

Assim, compreende-se que no decorrer da jornada do Ensino Superior, os(as) estudantes afetam e são afetados, em relações que os(as) atravessam e produzem novas possibilidades. Pensar na saúde dos(as) estudantes em suas dimensões físicas, psicológicas e relacionais frente os desdobramentos histórico-sociais contemporâneos na sociedade é reconhecer a saúde mental como fenômeno multifacetado. Atravessado por questões sociais, históricas, culturais e políticas e, assim, que os afetam e os constituem enquanto estudantes universitários (ASSIS; OLIVEIRA, 2010).

3.2 ADOECIMENTO PSÍQUICO DO(A) ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO(A): FATORES E DESAFIOS

Diante a trajetória acadêmica, os fatores de desafios que geram sofrimentos relatados pelos(as) estudantes participantes são questões de: distância familiar, adaptação por causa do curso de graduação ser em outra cidade, preocupação financeira para dar conta de sustentar o sonho desejado do curso de graduação, demanda de estudo do próprio curso, pressões familiares e sociais durante o processo de escolha do curso de graduação e relação de poder/saber dentro da sala de aula.

Entre tais questões, ao referirem-se aos desafios encontrados dentro da Universidade, os(as) estudantes trazem o discurso de comportamentos que constituem a relação professor(a)-estudante, destacando situações que consideram que a postura do docente reflete relações de poder. Nessa relação, os(as) estudantes sentem que seus saberes são deslegitimados em situações de desafios, levando a vulnerabilidade, como é possível observar na fala de Alice:

“Eu estudei em escola pública e já fazia um tempo que eu tinha estudado, tive muita dificuldade com a língua mesmo portuguesa, com o vocabulário que é usado na universidade e também acho que um pouco do acesso dos professores, sabe, porque eu vejo que há uma diferença na pessoa que não tem o vocabulário tão enriquecido, com aquele que tem o vocabulário mais enriquecido”.

Algo parecido ao de Alice é manifestado na fala da estudante Anna, no momento que ela relata: *“Tem Professor que humilha às vezes o aluno, e a coordenação não faz nada, absolutamente nada, a pessoa é renomada [...], teoricamente ela está trazendo nome para a universidade e não faz nada”.* Perante esses relatos, faz-se necessário situar a gravidade da

simbolização que se constroem e se entrelaçam nos corredores universitário (espaço/tempo), acometido por uma simbolização de saber e poder, levando o ser humano ao sofrimento psíquico (FOUCAULT, 2009). O autor Michel Foucault (2009) nos ajuda a pensar sobre as relações saber-poder. Este aponta uma série de elementos presentes na construção dos corpos manipulados e/ou corpos dóceis, como alvo das instituições modernas ou instituições de sequestro que capturam as subjetividades a fim de formatá-las. Entre essas instituições temos os presídios, hospitais, manicômios, as escolas e, porque não dizer as universidades? Para o autor “houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2009, p. 132).

Neste viés, as relações de abuso de poder no meio universitário, refletem reações desfavoráveis para o(a) estudante em sala de aula. Bell Hooks ao discutir a “confrontação da classe social na sala de aula”, ressalta modelos de comportamento considerados “adequados” em sala de aula, condicionando as emoções e comportamentos dos estudantes. Está elucidada que “os alunos são frequentemente silenciados por meio de sua aceitação de valores que os ensinam a manter a ordem a todo custo” (HOOKS, 2017, p. 237). Essa reflexão sobre a relação de abuso de poder no meio universitário, é destacada por Wagner em seu relato: *“assim, como Professor, como profissional, e às vezes atuar de uma forma que eu acho que não exerceria, não necessitaria, meio que abuso de poder da situação, eu acho assim meio chato”*.

As relações de saber-poder entre professor(a)-estudante são apontadas por Padovani et al. (2014), como indicadores de vulnerabilidade, manifestado através de sentidos simbólicos, que se entrelaçam entre docente e discente no ambiente acadêmico, incentivando relações de efeito estressor que contribuem com adoecimento psíquico e físico. Consequentemente como amparo, o(a) estudante busca acolhimento do(a) próprio(a) colega da universidade para minimizar as angústias geradas pelas demandas do curso. Nessa busca por acolhimento, o estudante se depara com novos desafios em sua própria sala de aula. Como é relatado na fala da estudante Jerusa, ao discorrer sobre a relação entre os colegas: *“Eu acho ridículo, e o nosso curso tem muito disso, muito, muito, muito assim, a pessoa virando a cara para outra, não se cumprimentando”*.

Os sentidos atribuídos pelo(a) estudante no âmbito acadêmico, neste cenário, mostra ângulos significativos, que o(a) retratam em determinado momento da sua trajetória de vida. Ou seja, permitem atribuir sentidos às interpretações que contribuí para situações de conflitos na própria relação do(a) estudante no ambiente universitário. A forma como as pessoas

produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas são desafiadoras. Tal qual compartilhada pela estudante Anna, ao relatar uma situação de saber e poder entre os(as) estudantes: *“A relação que você se coloca de parecer que você não é bom o suficiente, se você não tira nota alta. Mas acho que isso é muito estímulo da própria faculdade da competição entre alunos”*.

Nessa perspectiva de interagir no ambiente universitário, compartilhar laços de afetos e vínculo na relação, e fazendo um apontamento no discurso acima mencionado, percebe-se, na fala de Jerusa, o descontentamento que entrelaça na relação social, ao se referir o seu curso que tem como objetivo a interação com o outro, sem julgamento (TODOROV, 2007; STRAPPAZZON, MAHEIRIE, 2016). Assim, nas palavras de Jerusa, *“o curso que tu mais tem que interagir com outro, que tu mais tem que ter afinidade com todo mundo, que tu tem que entender, se o outro não é tão legal, se o outro não é tão querido”*. Pensar as relações sociais e a importância das interações no meio universitário, a fim de compreender os aspectos desafiadores nesse contexto, favorecem a repensar em novas reflexões acerca da construção do sujeito. Visto que as interações com o outro constitui os processos sociais que atuam na apropriação de saberes sobre si e sobre o mundo (XAVIER et. al.; 2008). Esses saberes sofrem influências sociais, refletindo nas trocas estabelecidas no contexto universitário. Como pode-se destacar na fala de Wagner:

“[...] tem muitos colegas que às vezes falam diretamente ou não, muitos falam mal do outro. Conversa entre si, sempre rola sabe, tem hora que o cara está fazendo por maldade, as vezes nem tanto por maldade, uma hora assim afeta, ainda mais a pessoa chega na outra, do qual ela estava falando. Não cabe a gente ficar “julgando””.

Neste sentido, o cenário universitário que se encontra o(a) estudante, abre brecha e possibilidades para desencadear fatores estressores de ansiedade que vivenciam, como: pressões familiares, adaptação com novos colegas em sala de aula, demandas de estudos, relação com os(as) professores(as) e até o cumprimento das regras estabelecidas pela universidade. Ou seja, neste cenário os(as) estudantes encontram desafios que podem ser acarretar em desgaste e exaustão emocional (PADOVINI et al., 2014; DALGALARRONDO, 2000).

Outro fator desafiador apresentado por Wagner, é a demanda de estudos e tarefas, além da carga horária dos estágios à campo, exigido pelo próprio curso. Assim, em seu relato, Wagner trás que: *“O que cabe nos levando a ficar ruim assim, é o estresse é a saturação das coisas que a gente faz, o exagero e a frequência de estar fazendo isso”*. O mesmo é observado pela estudante Anna *“Tudo é uma soma, mas se a faculdade não contribui, e não necessariamente a gente tenha problemas familiares, para que afeta a saúde mental, a*

exigência aqui a faculdade faz sobre nós, eu acho que assim é muito grande". Fazendo um apontamento com os relatos dos(as) estudantes, ao que se refere às demandas de estudos e tarefas exigida pela a universidade, como excesso de horas de estudo, práticas de estágios ou dificuldade para conciliar o estudo. Com base a essa exigência o(a) estudante vivencia relações de vulnerabilidade psicológica que possui consequências variáveis que contribui para o sofrimento psíquico na vida do(da) estudante (PADOVINI, 2014).

3.3 OS DESAFIOS DO CUIDADO DA SAÚDE MENTAL: A REALIDADE SOCIOECONÔMICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Pensando nos(as) estudantes que buscam por meio de uma graduação uma formação profissional, por vezes este percurso é marcado por situações de persistência, coragem, determinação e investimento financeiro, emocional, físico e psíquico. Vale destacar, a fala de Jerusa ao relatar a conquista da sua bolsa de estudo em oferta para a realização do seu curso de graduação tão desejado:

"A Psicologia é densa, os Professores exigem, tem que ser assim, assim, mas, eu estou falando por mim, como eu sou bolsista, requer muito de mim, sabe. Mais de 10 (dez) anos eu quis fazer esse curso, porque eu dependia de bolsa, eu achei que não ia conseguir a bolsa, por não conseguir nota suficiente".

Para Jerusa, todo o caminho percorrido, desde o processo para conquista da bolsa até a inserção e permanência na universidade foi repleta de desafios. Medos, incertezas, renúncias, lhe acompanharam desde a realização do processo de avaliação e seleção da bolsa de estudos, até o momento em que a entrevista para pesquisa foi realizada. Uma vez que, a estudante questionava se conseguiria alcançar os critérios para concessão da bolsa, já que se encontrava por um longo período afastada do contexto educacional. Com a entrada na universidade, a preocupação passou a ser seu desempenho acadêmico para permanência da bolsa.

Tal qual Jerusa, o estudante Wagner, no momento que relata a sua fragilidade e frustração diante as suas expectativas do seu curso tão desejado, diz que seu maior desafio é lidar com a preocupação financeira da família, [...] *uma coisa que me deixava muito preocupado demais é a questão financeira, e emocional deles (Pais)*", Wagner, se questiona se vai dar conta de sustentar o seu curso. Estes sentimentos e apreensões frente às questões socioeconômicas que perpassam durante a trajetória acadêmica dos(as) estudantes, possibilitam o desencadeamento de sofrimento psíquico e físico.

Os(as) bolsistas, além do sonho de ter o diploma do ensino superior, enfrentam uma preocupação e angústia em não perder a bolsa. Ao mesmo tempo isso pode ser a potência para se manterem nos estudos e comprometidos com sua formação. Alcançar o diploma de Ensino Superior para classes populares pode ser revolucionário, pois acaba sendo um aspecto que contribui com o fortalecimento da saúde mental destes estudantes, pois muitas vezes, esses estudantes vêm de gerações em que nenhum familiar pode frequentar a universidade por falta de oportunidade, por dificuldade de acesso e permanência (OLIVEIRA, MELO-SILVA; 2010).

A realidade socioeconômica dos(as) estudantes na universidade, expressa que não são todos(as) que têm condições financeiras para o acesso a serviços de Atenção Psicossocial. Quando procurado serviços dentro da universidade, Jerusa discorre sobre sua experiência: *“Olha, eu fui ali no SP (Serviço de Psicologia) e pedi orientação de atendimento psicológico, eles me deram uma folha com vários contatos de profissionais de Psicólogos(as), foi a única coisa que eles fizeram”*. A lista a qual Jerusa se refere, são contatos de Profissionais Psicólogos(as) formados na universidade, que realizam atendimento social.

Nesse momento, vale ressaltar que a realidade socioeconômica do(a) estudante, por vezes, não se encaixa nesse processo de atendimento. As dificuldades financeiras que constituem o decorrer da vida acadêmica inviabilizam o cuidado da saúde mental para muitos(as) estudantes. Na opinião de Wagner *“Tem muita gente que é igual a minha situação, pessoa assim carente, paga ali os seus estudos no sufoco e utilizam bolsa”*. Ainda em relação a essa realidade socioeconômica, Jerusa também se identifica no diálogo de Wagner, ao dizer o seguinte: *“Só que como estudante, dependente que eu sou do meu marido, eu não estou trabalhando, e bolsista também, se fosse a Psicoterapia R\$ 100,00 por semana, se eu tivesse que desembolsar R\$ 400,00 por mês eu não poderia pagar”*.

Observa-se assim, que a situação socioeconômica, por vezes, impossibilita os(as) estudantes a procurar por recursos privados de promoção de saúde mental. A situação econômica do(a) estudante ou até da família é, sem dúvida, um fator determinante na trajetória de formação no Ensino Superior. Uma vez que, as condições de desigualdades sociais que constitui o contexto universitário, implicam no processo de formação do(a) estudante, que se defronta com uma série de desafios que interferem no seu desempenho. Oliveira e Melo-Silva (2010) consideram que o acesso a cultura possui influência no ingresso e permanência na universidade, em que a classe social do(a) estudante possibilita o contato com meios de conhecimento e informação que ampliam as possibilidades de apropriação dos conteúdos transmitidos em linguagem científica na universidade.

Tantas pressões e desafios, e ainda pela universidade ser um ambiente que circula diferenciações de classes sociais, raça-etnia, religião e gênero. Diferenças estas, que são alvos de preconceitos e opressões, que constituem a complexidade das diversas variáveis que compõe as manifestações de sintomas do adoecimento psíquico (BERLINCK, 1997). Entre as diversas possibilidades de cuidado da saúde mental, o apoio psicológico é destacado pelos(as) estudantes entrevistados(as), como forma de prevenção e de promoção de saúde em situações de sofrimento psíquico no contexto acadêmico. Neste sentido, podemos observar na fala de Anna o motivo pela busca de um acompanhamento psicológico *“Hoje eu posso dizer que o único motivo de eu procurar um acompanhamento psicológico, é pela faculdade, não procuraria por outro motivo, familiar, por trauma pessoal, hoje é pela Faculdade mesmo”*. Neste movimento, se deparando com obstáculos que impossibilitam a dar continuidade em seu projeto de vida profissional, Alice relata:

“Comecei a ter algumas dificuldades maiores com socialização, comecei ir no posto de saúde, não tinha Psicóloga direito, sabe, era muito difícil conseguir Psicóloga, só se você tivesse sorte, daí eu tive a sorte de entrar no grupo”.

Ramos *et al.*, (2018), evidenciam a relevância do apoio psicológico para estudantes universitários e destacam como norteadores o acolhimento e a criação de estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico aos estudantes no período de graduação, de diversos cursos da instituição. O objetivo é envolver as políticas de assistência estudantil, propondo ações de cunho psicossocial e socioeducativo. A autora destaca a relevância de programa de apoio à saúde mental de projetos de intervenção de acolhimento psicológico, vivenciado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Para além dos programas de apoio psicológico os(as) estudantes entrevistados(as) citam como estratégias de cuidado complementar, outros serviços profissionais e práticas alternativas como: técnicas e métodos de tratamento natural, realizadas no serviço disponível pelo curso de Naturologia da universidade. Além de práticas de Yoga, Reiki e prática de esporte. Os(as) estudantes, Alice, Jerusa e Wagner trouxeram à prática de atividade física:

“Caminhar é bom, assim eu esqueço meus problemas” (Alice).

“Eu faço caminhada, acho que é muito importante” (Jerusa).

“Outra coisa que eu vejo e ajuda bastante, fazer esporte, praticar atividade física” (Wagner).

Dessa forma, compreende-se que sofrimento psíquico se constitui em uma esfera biopsicossocial, de modo que, as estratégias de cuidado precisam considerar o sujeito em sua integralidade. Construindo uma rede de apoio e fortalecimento na universidade, que visa a promoção e qualidade da saúde mental durante o processo de formação. Os(as) estudantes

universitários devem apresentar recursos emocionais e cognitivos para o exercício das diversas atividades exigidas na graduação (PADOVINI *et. al*, 2014). Neste caso, a formação profissional atrelada a formação humana pode potencializar o compromisso social e o senso crítico, atravessados por uma dimensão ética, estética e política, tal qual, faz-se pensar: que sujeito é esse que a universidade forma para o mercado de trabalho? Quem vem primeiro: o mercado ou o sujeito? Que sujeito os currículos da universidade (*de*)forma? Qual preocupação com a saúde mental dos estudantes? Quais ações existem na universidade?

3.4 A UNIVERSIDADE ENQUANTO REDE DE CUIDADO: AÇÕES DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL AOS(AS) ESTUDANTES

As ações de Atenção Psicossocial na Universidade pode contemplar reflexões acerca de ressignificação de trocas sociais e cotidianas, sobre as experiências e os sentidos que são produzidos e internalizados nos(as) estudantes, referente ao sofrimento psíquico no campo universitário. Para Ferreira (2009); Ayres e Assis (2017), ações de acolhimento promovem efeitos de empoderamento, que possibilitam a construção de rede de apoio que auxiliam os(as) estudantes diante dos desafios que vivenciam, contribuindo no fortalecimento dos processos de subjetivação. A busca de compreender essas problematizações podem mobilizar o(a) estudante a (re)pensar em produzir estratégias de enfrentamentos aos efeitos destrutivos da supressão da subjetividade onde um(a) estudante de graduação, por vezes, é reduzido a um número de matrícula ou a um boleto bancário.

Ao dialogar com os(as) estudantes participantes desta pesquisa, sobre o conhecimento da rede que envolvem o sistema da Política de Atenção Psicossocial na Universidade, todos(as) apresentaram ter conhecimento sobre a diretrizes do Ministério da Educação¹⁰. Porém, apontam não ver efetividade entre a Rede de Atenção Psicossocial e a Universidade. Tal compreensão, pode ser destacada pelo relato de Alice, que ao ser questionada diz: *“não tem uma relação [...], acho que ainda está muito distante, muito distante de ter uma integração na relação psicossocial de ter um acolhimento”*. Sua fala, apresenta um entendimento que não percebe uma integração entre a universidade a rede. Nesse mesmo sentido, Anna destaca:

“Não, eu conheço mais nunca foi disponibilizado para as pessoas, para os alunos, eu conheço porque já encaminhei paciente, em aula prática a gente vai pro CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Acompanhamento para os alunos, as pessoas que eu sei que foram procurar, nenhuma foi encaminhada para UBA (Unidade Básica de Atenção) ou para outras redes de saúde fora da universidade”.

¹⁰ Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>: Acesso em 21 nov. de 2019.

Cabe destacar, que é imprescindível o envolvimento da gestão da universidade e profissionais das áreas da saúde e ciências humanas, no que diz a respeito a articulação entre os diferentes pontos da rede e a universidade. Investindo na construção de um “elo” de apoio, que possibilite a efetivação e o acompanhamento Psicossocial aos(as) estudantes (AROUCA; PEREIRA, 2017).

Como amparo a esses aspectos, se faz necessário (re)pensar o sistema educacional brasileiro como um todo, conforme defendem Schweitzer e Souza (2018, p. 566), “pensar o ambiente escolar é ser coerente com a concepção de que o sujeito se estrutura na relação com o outro, já que essa relação oferece elementos para que se possa investigar, compreender e atuar junto aos diversos envolvidos na produção e na manutenção das queixas escolares”. Isso poderia ser refletido também para a necessidade de atenção às queixas dos(as) estudantes pertencentes ao Ensino Superior. Tal necessidade é essencial para (re)pensar a criação de programas de apoio (PNUD, 2006), com equipes multidisciplinares no âmbito acadêmico envolvendo a Rede de Atenção Psicossocial (RAP)¹¹. O desafio é produzir um atendimento mais humanizado neste cenário, que venha fortalecer os vínculos entre professores(as) e estudantes do Ensino Superior ancorados numa política de acolhimento as singularidades, além da criação espaços de escuta e orientação que representam lugar de atenção e apoio para diminuir as angústias, processos de ansiedade, desconforto, etc., que surgem no decorrer da formação acadêmica.

Nesse sentido, todos(as) estudantes participantes desta pesquisa destacaram a existência de ações de Atenção Psicossocial dentro da universidade. Todavia, indagam sobre sua efetividade. Quando questionada, a estudante Anna relata sobre a implantação de um Núcleo de Apoio Psicossocial no seu curso de Medicina, porém, este núcleo só realiza orientações para os serviços disponíveis na universidade, tais como: Serviço de Psicologia, Serviço do curso de Naturologia e Programa de Promoção de Acessibilidade. A estudante ainda acrescenta: *“foi anunciado, mas quando você vai em busca do apoio, você não acha o apoio”*. Tanto Anna quanto Wagner queixaram-se que precisaria de melhor divulgação destes serviços, pois muitas vezes, os(as) estudantes não possuem acesso e conhecimento dos programas e serviços oferecidos na universidade.

Wagner relata ter conhecimento sobre os serviços disponibilizados na universidade, quando, diante da sua preocupação com os desafios encontrado durante sua jornada acadêmica, por conta própria buscou ajuda e orientação: *“Assim, pedi uma orientação para o meu coordenador, a respeito de algum médico, algum Psiquiatra, Psicólogo, alguma coisa assim,*

¹¹ Para informação acessar em <http://www.saude.gov.br/aco-es-e-programas/rede-de-atencao-psicossocial-raps>.

que poderia tá me ajudando, a respeito da situação que estava passando". Nessa situação, o estudante foi acolhido e orientado pelo coordenador do seu curso, que informou sobre os serviços disponibilizados na universidade, naquele momento. Contudo, questiona a sua oportunidade, e ao mesmo tempo se pergunta sobre os(as) estudantes que não conseguiram ou não tiveram acesso a esses serviços:

"Eu não tenho que me queixar, de todas as vezes que eu procurei, conversar, a assistência que eu tive foi muito boa, mais tem outros já me disseram que não foram tão boas. Mais assim, eu fui atrás, conversei com meu coordenador, me falou sobre isso, acabei ficando sabendo, fora as vezes que eu vi na sala só, a respeito disso, mais eu nunca vi outro meio externo de divulgação, de alguma coisa pra poder mostrar a respeito disso e que existe isso".

A partir da indagação de Wagner, foi identificado que o acolhimento aos(as) estudantes, na respectiva universidade, ocorre por meio de uma psicopedagoga que realiza atendimentos de orientação, por meio de agendamento prévio no serviço de atendimento ao(a) estudante. Não foi encontrado qualquer forma de divulgação desse serviço nas plataformas digitais da instituição. Dessa forma, faz-se necessário pensar sobre a necessidade ações que visam garantir e compartilhar informações sobre os serviços de acolhimento psicossocial disponíveis dentro das universidades de modo acessível a todos(as) estudantes. Desenvolvendo ações embasadas no PNUD 2019, como: mapeamento de locais de acesso aos Serviços da Rede de Atenção Psicossocial, prestação orientação o(a) estudante, e quando necessário encaminhamento do(a) estudante para a rede de acolhimento dentro e fora da universidade.

Essa compreensão biopsicossocial, parte da premissa que o sujeito é um ser sempre em construção, de modo que, pode-se pensar que algumas psicopatologias se desenvolvem essa esfera. Num determinado grupo que não conseguiu lidar com as demandas apresentadas pelo sujeito, ou ainda que o sujeito não soube lidar com as demandas do grupo (BERLINCK, 1997). Sendo assim, destaca-se, a relevância de programas de suporte de acolhimento a saúde mental, dentro da universidade para as situações de emergências citada por Alice:

"Eu entendo que é muito importante, tinha um trabalho que era sobre o plantão. Eu achei muito bom ter um plantão ali, foi retirado, foi um erro ter retirado. Porque o plantão pode acolher, muitas questões, às vezes a pessoa precisa naquele dia, as vezes pode apresentar ou não apresentar um surto ou qualquer outra coisa assim que seja muito grave. O plantão era para isso, às vezes a pessoa pode estar em condição, aparentemente boa, mas pode estar à beira de um surto e aquela conversa naquele dia pode ter salvando uma vida, fazer uma diferença".

O Plantão Psicológico, descrito pela estudante Alice, é uma modalidade de atendimento que se propõe prestar um acolhimento no momento da angústia, auxiliando na construção de possibilidades a partir dessa procura. Esse se caracteriza como um atendimento pontual de caráter emergencial que promove uma (re)significação da relação com a queixa apresentada

(BRESCHIGLIARI; JAFELICE, 2015). Rosário e Neto (2015) acrescentam que essa modalidade de atendimento também objetiva na integração e interação da universidade com a rede pública, de modo a proporcionar aos sujeitos o acesso ao atendimento.

Segundo os autores “o conceito de rede, que abrange o sistema de saúde, implica a construção de lugares de acolhimento do sujeito que permitam sua entrada, sem que, para ser atendido, haja necessidade de submeter-se ao funcionamento institucional tradicional, marcado por certo engessamento” (ROSÁRIO; NETO, 2015, P. 40). Assim, compreende-se que realização de um trabalho articulado com a rede de Atenção Psicossocial e com a própria comunidade acadêmica é de grande relevância para que a saúde mental seja considerada em sua esfera biopsicossocial.

Os fatores que envolvem a saúde mental precisam ser discutidos e debatidos, incluindo os(as) próprios(as) estudantes, em um processo de construção em conjunto com todos os atores presentes na universidade. Para tal, os(as) estudantes entrevistados(as) trouxeram diferentes propostas e sugestões para promoção de ações em relação a saúde mental no contexto acadêmico. Entre elas, Alice manifesta a necessidade de uma articulação interdisciplinar entre os cursos, ressaltando principalmente áreas da saúde. Segundo ela: *“por se tratar de saúde mental, acho que deveria envolver todo o campo da saúde ali, porque tem uma grande abrangência, poderia unir, fazer um evento legal, para que todos participem, para que envolva também os outros cursos, porque os cursos estão muitos isolados”*.

Esse trabalho interdisciplinar visa ações articuladas e integradas entre os profissionais, sem fragmentação dos sujeitos e saberes. A utilização dos diversos conhecimentos e técnicas envolvidos no cuidado à saúde, por meio de um olhar integral, contribuem para realização de intervenções que envolva todas as dimensões complementares ao sujeito (biológica, psicológica, cultural, social, étnica e política). Promovendo assim, ações de promoção à saúde por meio do investimento em relações de cuidado, perante o respeito e a legitimação do outro em sua totalidade (MATOS; PIRES; CAMPOS, 2009).

Outras sugestões foram realizadas, como a realização de eventos e palestras com temáticas envolvendo saúde mental, como sugerido pela estudante Anna: *“Eu acho que os alunos deveriam sentir mais apoio em relação da Faculdade, eles podem fazer várias atividades diferentes. Até mesmo palestras, sabe”*. A sugestão da estudante participante da pesquisa, ressalta a importância de ações de promoção e prevenção de saúde mental, por meio do planejamento de ações condizentes com as demandas que surgem no contexto universitário.

Além das sugestões comentadas por Alice e Anna, Wagner trouxe sobre a relevância da escuta aos estudantes. Como mostra sua fala: *“O essencial é ouvir mais os alunos, os alunos*

têm muito o que falar, tem uns que vão e falam, e aqueles que falam não são ouvidos”. Essas falas fazem pensar o quanto seria interessante que os coletivos dentro da universidade pudessem estar mais engajados com tais questões que envolvem a saúde mental dos(as) estudantes. Dentre estes coletivos destaca-se os Centros Acadêmicos (Cas) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) que possuem representatividade e força política nesse debate. Esses coletivos podem também integrar o debate e desenvolver ações de Atenção Psicossocial dentro da universidade. Fortalecendo a rede de apoio aos(as) estudantes, uma vez que, ao compreender o sujeito em sua totalidade, não deixamos de considerar sua história, seu percurso, sua trajetória, sua humanidade. Contribuindo assim, para a diminuição das tensões e problemas que rodam o contexto universitário (ANDRADE, et al., 2016).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, por meio dos seus resultados e discussão, possibilitou compreender os sentidos que os estudantes de uma universidade da Grande Florianópolis atribuem a saúde mental no decorrer da sua trajetória acadêmica. Com isso, destaca-se que os(as) estudantes entrevistados(as) identificam no seu processo de formação fatores geradores de sofrimento psíquico. Esses apresentam-se como desafios no processo de acesso e permanência na universidade, e implicam nas relações sociais do(a) estudante.

Um dos fatores principais apresentado por todos(as) estudantes entrevistados(as) e suas realidades socioeconômica, uma vez que, além das demandas dos seus respectivos cursos, os(as) estudantes necessitam cumprir as exigências de manutenção das suas respectivas bolsa de estudos. Essa questão inclusive, impossibilita a procura por serviços de promoção de saúde fora do contexto universitário. Outros fatores são destacados pelos(as) estudantes como geradores de sofrimento psíquico no contexto acadêmico, sendo eles, desde a relação professor(a)-estudante que ocorre por meio de uma relação de saber-poder, até as relações entre os(as) próprios(as) estudantes, às demandas de estudos, a carga horária curricular, entre outros.

Sendo a universidade local de estabelecimento não apenas de produção de conhecimento, mas de trocas sociais e culturais, o desenvolvimento de ações de acolhimento ao(a) estudante deve ser ofertado como garantia de permanência universitária e promoção de qualidade de vida. Porém, foi possível identificar no relato dos(as) entrevistados(as) a ausência de efetivação e articulação de serviços de acolhimento Psicossocial na universidade. Os(as) estudantes descrevem que os serviços disponíveis na universidade não são divulgados e

articulados entre si. Não havendo também uma própria articulação da universidade com a Rede de Atenção Psicossocial.

Neste caso, a pesquisa contribui para (re)pensar em estratégias para o enfrentamento de desafios que rodeiam o ambiente universitário. Destacando a relevância de projetos, palestras e apoio de acompanhamento psicossocial, desenvolvidos com os cursos de graduação da universidade, no sentido de fomentar a criação e articulação de Serviços de Acolhimento ao(a) Estudante do Ensino Superior, com a Rede de Atenção Psicossocial. Buscando-se assim a promoção de saúde mental do(a) estudante universitário(a).

Ao que refere a compreensão sobre a saúde mental, os(as) estudantes entrevistados(as), destacam o entendimento sobre o que é saúde mental, e atribuem relevância as discussões sobre a temática no contexto universitário. Contudo, vale ressaltar que todos os(as) participantes, são estudantes de áreas ciências humanas e da saúde, em que discussões sobre saúde mental integram seu processo de formação. Sendo essa temática ainda um tabu social, inclusive ao que se tange à saúde do(a) estudante universitário(a), compreende-se relevante a realização de pesquisas que discutam sobre essa temática com diferentes sujeitos do contexto acadêmico.

Entre possíveis desdobramentos desta pesquisa, espera-se que ela tenha relevância futura e desperte interesse em ampliar o estudo. Além de possibilitar o aumento do conhecimento científico na qualidade de saúde mental no meio universitário. Enfim, sugere-se que a sociedade e as instituições voltem seu olhar aos(as) estudantes, e compreenda que esses(as) estudantes também possuem suas particularidades e seus momentos de angústia e desamparo. Que possam se posicionar de forma a reconhecer a relevância desse(a) estudante, e do quanto também precisam de apoio. Com isso, fica em aberto a necessidade de novas pesquisas que abordem essa temática e explorem os aspectos de adoecimento sobre a saúde mental dos estudantes de Ensino Superior, bem como, discussões sobre saúde mental do professor universitário, o suicídio de estudantes universitários e o mapeamento de políticas de Atenção Psicossocial ao(a) estudante universitário(a).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio dos Santos; TIRABOSCHI, Gabriel Arantes; ANTUNES, Natália Amaral; VIANA, Paulo Vinícius Bachette Alves; ZANOTO, Pedro Alves; CURILHA, Rafael Trebi. Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 36, nº4, out/dez, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n4/1982-3703-pcp-36-4-0831.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

AROUCA, Catharina; PEREIRA, Kaio. O ensino superior e as consequências para a saúde mental dos jovens. Negligência das universidades brasileiras nas políticas de saúde mental tem reflexo no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017, S/P. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/reverso/o-ensino-superior-e-as-consequencias-para-a-saude-mental-dos-jovens/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

ASSIS, Aisllan Diego de; OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de. Vida Universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 2, n.4-5, 2010, p.159 - 177. Disponível em: <<http://stat.necat.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1113/1305>>. Acesso em: 07 dez. 2019.

AYRES, Núbia Roberta; ASSIS, Cleber Lizardo de. Atendimento psicológico e demandas discentes a partir de serviços em faculdades privadas do norte do país. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 2, p. 383-392, Maio/Agos. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10012/6651>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz; PIZETTA, Adriana; SCHAWARTZ, Cristian Baqui; HASS, Raíssa de Azevedo Hass; MELO, Vera Lúcia. Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, São Paulo, v. 15, n. 3, dez. 2010, PP. 321-332. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4010/401036083006.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

BERLINCK, Manoel Tosta. O que é psicopatologia fundamental. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 17, n. 2, Brasília, 1997, P, 5. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200003&lng=pt&tln=pt> Acesso em: 05 maio 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. edição. São Paulo: Saraiva, 2001, P. 283.

BRESCHIGLIARI, JuliN Oliveira; JAFELICE, Giovana Telles. Plantão Psicológico: ficções e reflexões. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, 2015, p. 225-237. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932015000100225&script=sci_abstract&tln=pt>. Acesso em: 06 dez. 2019.

CAPONNI, Sandra. Classificar e Mediar: a gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. **Revista internacional Interdisciplinar INTERthesis**, UFSC, Florianópolis, v. 9, n. 2, Jul/Dez. Florianópolis, 2012, P. 105-119. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n2p101>>. Acesso em: 17 maio 2019.

CRUZ, Gênesis Vivianne; PEREIRA, Wilza Rocha. Diferentes configurações da violência nas relações pedagógicas entre docentes e discentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66 n. 2 Brasília Mar./Apr. 2013, P. 241-250. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n2/14.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre, Artes Médicas Sul. 2000, P. 77.

FERREIRA, Carolina de Abreu e Magalhães. *Intervenção Psicológica no Ensino Superior: Efeito da Psicoterapia no Rendimento acadêmico*. Mestrado integrado em psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde. Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-comportamental e Integrativa. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/880/1/18743_ulsd_dep.17724_Dissertacao_Carolina_Ferreira.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FONAPRACE-Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: 37 ed. Vozes, 2009, P. 132.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio. Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, P. 41-42.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: 2 ed. WMF Martins Fontes, 2017, P. 237.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise Elvira de Pires; CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. *Relações de trabalho em equipes interdisciplinares: contribuições para a constituição de novas formas de organização do trabalho em saúde*. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, n. 6, nov./dez. 2009, p. 863-869. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019596008.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

NEPOMUCENO, Ricardo Ferreira; WITTER, Geraldina Porto. *Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./jun. de 2010, P.15-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100002>. Acesso em: 24 abr. de 2019.

OLIVEIRA, Melina Del'Arco de; MELO-SILVA, Lucy Leal. *Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira*. **Rev. Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2010, p. 23-34. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a03.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

PADOVINI, Ricardo da Costa; NEUFELD, Carmem Beatriz; MALTONI, Juliana; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; SOUZA, Wanderson Fernandes de; CALVACANTI, Helton Alessandro Firmino; LAMEU, Joelma do Nascimento. *Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário*. **Revista Brasileira de**

Terapias Cognitivas. 2014, PP. 2-10. Disponível:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v10n1/v10n1a02.pdf>. Acesso em: 21 nov. de 2019.

PESSOA, Fernando. Antologia poética de Fernando Pessoa. Introdução e seleção de Walmir Ayala. São Paulo: Ediouro, 2001, P. 108.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Índice de Desenvolvimento Humano. Brasília: PNUD, 2006. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RAMOS, Fabiana Pinheiro; JARDIM, Adriano Pereira; GOMES, Ana Carla Pantoja; LUCAS, Juliana Nascimento. Desafios na Trajetória Acadêmica e Apoio Psicológico ao Estudante Universitário: Contribuições de dois Projetos de Extensão. **Revista Guará**, Edição IX. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), v. 6, n. 9, P. 57-67, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/guara/article/view/15783/13678>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

RIBEIRO, Flávia de Mendonça; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Psicologia e Ensino Superior: Aspirações Pequeno-Burguesas e Contradições Cotidianas em Cotistas. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v, 11 n. 1, P. 27-45, jan/jun. 2019. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3004>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

ROSÁRIO; Ângela Buciano do; NETO, Fuad Kyrillos. Plantão psicológico em uma clínica-escola de Psicologia: saúde pública e psicanálise. **A peste**, São Paulo, v. 7, n. 1, jan./jun. 2015, p. 37-48. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/30463/0>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

SCHWEITZER, Lucas; SOUZA, Simone Vieira. Os sentidos atribuídos à queixa escolar por profissionais de escolas públicas municipais. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 3, Set/Dez. 2018, P. 566. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n3/2175-3539-pee-22-03-565.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVEIRA, Celeste; NORTON, Andreia; BRANDÃO, Isabel; ROMA-TORRES, António. Saúde mental em estudantes do ensino superior experiência da consulta de psiquiatria do centro hospitalar São João. **Faculdade de Medicina da Universidade do Porto**, Portugal, *Acta Med Port.* 2011, p. 247-256. Disponível em: <<http://www.actamedicaportuguesa.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, P. 31.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*, P. 22, 2013. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

STRAPPAZZON, André Luiz; MAHEIRIE, Katia. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, 2016, P. 77. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010. Acesso em: 19 nov. 2019.

TODOROV, João Cláudio. A Psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 23, n. especial, PP. 57-61. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23nspe/10.pdf>. Acesso em: 18 nov. de 2019.

XAVIER, Alessandra; NUNES, Ana Ignêz Belém Lima; SANTOS, Michelle Steiner dos. Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. **Revista Mal-Estar Subjetividade**. v. 8, n. 2, jun. Fortaleza, 2008, P. 4. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000200008>. Acesso em: 30 abr. 2019.